

Jazz

10 de abril 2014

Ciclo "Isto é Jazz?"

Comissário: Pedro Costa

**Christine Abdelnour,
David Stackenäs, Patric
Thorman, Raymond Strid**

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Saxofone Christine Abdelnour
Guitarra David Stackenäs
Contrabaixo Patric Thorman
Bateria Raymond Strid

Qui 10 de abril
21h30 · Pequeno Auditório · Duração: 1h · M3

Equilíbrio precário

Não é um dado que seja sublinhado na apresentação deste grupo que iniciou a sua atividade em 2010 mas poucas vezes se apresentou em público durante estes anos, devido às preenchidas agendas dos seus membros, não tendo ainda qualquer disco editado. Trata-se, no entanto, de algo que o define a um nível estrutural. O quarteto Stackenäs/Abdelnour/Thorman/Strid junta três músicos da cena sueca da improvisação, o guitarrista David Stackenäs, o contrabaixista Patric Thorman e o baterista/percussionista Raymond Strid, a uma (não-)saxofonista (Christine Abdelnour) vinda de uma realidade totalmente distinta, se bem que também erigida sobre a ideia de composição imediata, a libanesa.

Sim, do Líbano, a “França do Médio Oriente” que foi palco de uma guerra civil destrutiva e que ainda recentemente sofreu um bombardeamento aéreo da vizinha Israel. O menos provável dos países quando se pensa numa prática artística experimental ou, se considerarmos que a improvisação é particularmente permeável ao contexto social, talvez um viveiro com especiais potencialidades...

À partida, a conjugação parece estranha, mas é propósito desta formação sem líder criar uma música que se afaste das coordenadas básicas do improviso escandinavo para, em contexto integralmente acústico, chegar a uma sonoridade equivalente à da eletrónica e da eletroacústica exploratórias e de pesquisa. Precisamente o terreno de

ação de Abdelnour. A mesma Christine Abdelnour que se deu a conhecer na passagem do milénio com Mazen Kerbaj, Sharif Sehnaoui, Raed Yassin, Bechir Saadé e outros tantos improvisadores do mundo árabe que são diferentes dos demais sem que tal signifique a existência de interiorizações “étnicas”.

A música improvisada de Estocolmo pode ser definida pela associação da matriz *free jazz* norte-americana, herdada de figuras como Albert Ayler e Ornette Coleman, com a da “música não-idiomática” tal como entendida nos seus núcleos britânico (Evan Parker, Derek Bailey) e alemão (Peter Brotzmann, Alexander von Schlippenbach). Mais recentemente – e muito por via de Mats Gustafsson, aliás um parceiro habitual de Stackenäs –, uma nova linha de referência foi combinada com estas: a do rock de garagem, do *punk* e de um certo “revival” do psicadelismo e dos formatos clássicos deste género nas décadas de 1960 e 70.

Já a improvisação centrada em Beirute denota tanto a influência da música erudita contemporânea europeia como de um interesse “ingénuo” pelas propriedades do som. Aí nasceu, de resto, uma das mais interessantes frentes dessa vaga da chamada *improv* que lida com a textura e o silêncio e não com o fraseado jazzístico (e do rock) e que é mais orientada por preocupações plásticas do que por considerações especificamente musicais: o reducionismo.

Patric Thorman e Raymond Strid constituem o típico suporte propulsivo de um grupo de improvisação, o que quer dizer que funciona ora como uma

“secção rítmica”, ora abandona esse papel para inventar outros consoante as situações o exigem. Também David Stackenäs tem um duplo registo: se procura transcender as características físicas da guitarra por meio de técnicas extensivas e de preparações móveis, adaptadas do conceito de piano preparado de John Cage e inspiradas nas manipulações *tabletop* de Keith Rowe com os pioneiros AMM, também é certo que volta sempre aos léxicos estabelecidos da seis-cordas. Designadamente, os dos *blues*, da *folk* e do rock, chegando mesmo a aplicar os procedimentos *fingerpicking* da velha tradição do Delta.

Em contraste, Abdelnour tudo faz para que o seu saxofone alto nunca soe como um saxofone, mas como um mediador da respiração, do sopro e das complexas propriedades da língua, dos dentes, da glote e dessa primordial câmara de ressonância que é a boca, remetendo-nos para um universo sónico que poderia ser de origem animal ou maquinal. Note-se que fazendo tábua rasa da própria história deste espécime da família instrumental inventada por Adolph Sax, mormente a do capítulo jazz, e ignorando os seus implícitos modos de tocar. Autodidata, forjou ela mesma os processos de que precisa para produzir os sons que tem em mente.

A escolha de Abdelnour para esta formação não foi, pois, inocente. Stackenäs, Thorman e Strid quiseram abarcar na sua música os fatores que distinguem a agora residente em Paris. Estes que ela própria enumera: «Colocar-me fora de efeitos narrativos, lidando com a percepção, o tempo e o espaço. Construir

uma forma em *work-in-progress*. Desfazer essa noção romântica de que a improvisação apenas se relaciona com o corpo do músico, quando na verdade também o cérebro está envolvido. Intervir apenas quando necessário a partir de uma atitude de escuta, e de modo preciso e contido, porque menos é mais. Ter a noção de que fazer arte é construir uma outra realidade. Utilizar o instrumento apenas como um meio de expressão, não importando que seja um saxofone, um piano, uma tela para pintar ou uma pedra para esculpir.»

O quarteto não evita os caminhos percorridos pela *old school* da música improvisada. Eles estão lá e são os mais naturais a personalidades como Thorman e Strid, ambos muito ligados às suas fórmulas e, igualmente, aos legados do jazz. Na recusa das divisões fundamentalistas que outros sustentam de uma parte e da outra, a banda opta por uma reconciliação com as premissas da *new school*, abrindo-se a outras consequências. As de uma musicalidade mais primária, mais coletiva e, até, mais humana. Nas palavras de Christine Abdelnour: «Há algo de muito poderoso na música que se baseia na respiração: conseguimos uma gratificante intimidade, uma muito sincera exposição de nós próprios.»

Ou seja, é Abdelnour a rainha de copas do jogo que se propõe. Saberemos agora o quanto ela é uma peça fundamental do projeto. Com os seus parceiros nórdicos a libanesa funcionará, com certeza, como um contrapoder, um pólo atrator que procurará atrair a tal “forma” para o outro lado do equilíbrio.

Sem nunca comprometer este, antes se deliciando com a precariedade das situações.

Rui Eduardo Paes

Crítico de música, ensaísta,
editor da revista “online” jazz.pt

Christine Abdelnour saxofone

De origem libanesa, Christine Abdelnour nasceu em França, em 1978. Depois de descobrir a música improvisada em 1997, deu início a um processo autodidata de estudo e experimentação do som com o saxofone. Desenvolveu uma linguagem própria, produzindo sons muito próximos da música eletroacústica, mas num instrumento puramente acústico. Longe dos efeitos narrativos, a sua música lida com as relações entre a receção e conceitos de percepção, tempo e espaço.

Já tocou com Andy Moor, Magda Mayas, Pascal Battus, Andrea Neumann, Bonnie Jones, Sven-Ake Johansson e Mats Gustafsson, entre muitos outros.

David Stackenäs guitarra

David Stackenäs nasceu na Suécia, em 1974. Ao longo dos anos, Stackenäs tem desenvolvido um método único de tocar guitarra-preparada com diferentes materiais ou usando técnicas convencionais e um crescente conjunto de pedais. Com um variadíssimo leque de sons e técnicas, cria música com grande imaginação e poesia, usando as possibilidades dos sons orgânicos e os timbres que os instrumentos oferecem. Colaborou com Evan Parker, Barry Guy, Paul Lovens, Axel Dörner, Thurston Moore, Jim O'Rourke e Tatsuya Nakatani, entre muitos outros.

Patric Thorman contrabaixo

Patric Thorman nasceu na Suécia, em 1983. Para além de usar técnicas delica-

das e preparações, Thorman tira partido das cordas de tripa e do corpo do seu instrumento, criando dinâmicas cores musicais, com uma energia vibrante, com grande capacidade de tocar em conjunto e prazer pela experimentação. Já trabalhou com músicos como Fred Lonberg-Holm, Sten Sandell, Perke Holmlander, Katt Hernandez, Fredrik Ljungkvist, Audrey Chen ou Lene Grenager, entre outros.

Raymond Strid bateria

Raymond Strid nasceu na Suécia, em 1956. Começou a tocar bateria relativamente tarde. Depois de se ter viciado em música, enquanto ouvinte, concluiu que seria necessário começar também a tocar. Sem nenhum *background* musical, achou que a bateria iria ser o instrumento mais fácil de aprender. Desde então, Strid tornou-se num dos mais importantes e icónicos músicos europeus, tendo já tocado com improvisadores como Peter Kowald, Roger Turner, Barre Phillips, Joelle Léandre, Irene Schweizer, Derek Bailey, John Russel e John Butcher, entre outros.

Próximo espetáculo

O papagaio de Céline

de João Samões



Performance Sex 11, sáb 12 de abril
Grande Auditório (lotação reduzida)
21h30 · Duração: 50 minutos · M12

Um espetáculo que não se arruma nas classificações clássicas, inspirado numa obra-prima do séc. XX, *Viagem ao Fim da Noite*, de Louis-Ferdinand Céline. Como é que João Samões, artista com excelentes provas dadas, põe em cena aquele romance?

Próximo espetáculo de música

Amália por Júlio Resende



Música Qua 16 de abril
Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h15 · M3

Júlio Resende recria, no seu piano jazz, a solo, fados que Amália cantava. Com tais temas e a maturidade que Resende já alcançou, o concerto será muito bom. Dizemos nós, que já assistimos a outros com o mesmo formato.

Mais informações em www.culturgest.pt

Conselho de Administração

Presidente

Álvaro do Nascimento

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Alice Neiva

Estagiária:

Teresa Vaz

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso

de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Estagiárias:

Sara Ramos

Mariana Cunha

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de Direção Cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

(coordenador)

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Suse Fernandes

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo (chefe)

Vítor Pinto

Maquinaria de Cena

Nuno Alves (chefe)

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Vasco Branco

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 · Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
